N.º 43 (165) — 4.º ANNO

Terça-feira, 5 de Setembro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

O MODELO DA *CHÊTA* ACTUAL

D. MANOEL III DE PORTUGAL

1911

SILVA E SOUZA

Para alegria dos thalassas continua a ser um MANEL e de sangue real

Fitas batidas

Afinal de contas nós, que tanto nos gabamos de civilisados e impar de progressos, quando nos julgamos muito bem informados e orientados andamos todos na lua. Os jornaes diarios que a gente enriquece com os nossos dez reisinhos, até ao ponto d'elles comprarem grandes palacios, só nos informam d'aquillo que lhes dá na soberanissima gana.

Os camaleões da grande informação estão intoleraveis! A imprensa séria está mesmo desvergonhada de todo. Uma pouca vergonha.

Anda o Zé todas as manhãs a largar aquelles dezreisinhos, no grande interesse de se pôr ao facto do que vae pelo mundo fóra, n'uma grande ancia de saber o que se faz e o que se pensa pelas outras nações, e só fica sabendo aquillo que elles lhe consentem que saiba, ainda por favor.

Mas se elles nem sequer noticiam certas coisas que se dão aqui no nosso paiz, como hão de noticiar o que se dá lá fóra?

Olhem a prisão do anarquista Barrós que a Republica Portugueza como se fosse um esbirro ás ordens da monarchia hespanhola, prendeu e entregou a esse reaccionario paiz, onde o esperava o carcere e quem sabe se a morte! Viram algum orgão da imprensa gastar duas linhas a tratar do caso? Isso sim!

Em França descobriu se em tempos roubos em diversos ministerios. Viram os jornaes da grande informação, informar os seus leitores do caso? Nada que o Povo teria occasião de ver que nas republicas tambem se fazem «adeantamentos»!

No Brazil mataram se á fome, á sêde e á falta de ar, dezoito homens e fuzilaram se onze.

Quaes foram os paladinos das conquistas modernas, os jornaes defensores das liberdades do homem, que verberaram esse crime monstruoso? A «Lucta» publicava o relatorio do rei da Republica Brazileira, relatorio onde elle achava as mortes precisas para segurança do paiz, e onde para se defender do crime que tinha commettido um amigo que continuava a jantar á sua mesa, estás a ver que puxava a braza á sua sardinha.

Pelo Mexico vae uma revolução, onde se não faz politiquice, nem se põe aos hombros idolos politicos, mas onde se procura conquistar pão, terra e liberdade para todos, porque todos os que vivem a isso teem direito; e quaes são os jornaes diarios que se referem ao caso?

Apenas a «Capital» em tempos se resolveu a trazer um artigo sobre o caso, mas esse mesmo pela penna d'um collaborador. Os outros fecham-se porque todos elles são de capitalistas, são de burguezes, são de comilões, são de exploradores, a quem não convem que o «Zé» saiba que a revolução social não é uma utopia e que se a terra para dar pão requer trabalho e não dinheiro, não é justo que aquelles que trabalham o não possuam.

Uma vergonha!

Ha dias appareceu um periodico que se dizia independente. Pois ao terceiro dia estava-se a ver a independencia.

Era uma independencia de defender a ferro e fogo certa «côterie» politica, que nem vocês calculam!

Elles que deviam orientar o povo, desorientam-no. Cada qual pinta a cousa da maneira que convem aos politicos que defende.

A «Lucta» do dia 4 de outubro quando a revolução estava na rua, e todos os jornaes republicanos tinham o dever de orientar o Povo e fallar corajosamente, escrevia:—«Ouvem se tiros para os lados de Alcantara... Que será?»

Que seria, hein ó seu Brito Camacho?

Era o povo que lhe andava a arranjar o logar de ministro do fomento

*
* *

Na rua de S. João dos Bem-casados, perto da loja de fazendas, á esquina da rua do Sol, no sitio mais apertado e perigoso da curva da linha dos electricos estão fazendo obras n'um predio e teem lá um andaime montado de tal fórma, com tão grande desrespeito pela vida do cidadão, que é de se lhe tirar o chapeu... e pregar com elle nas ventas do responsavel de tão perigosa engenhoca.

O carro passa tão perto dos barrotes do andaime, tão perto, tão perto, que a gente vae d'aqui a Paris metter a cabeça na guilhotina com a mesma heroica resignação com que Egas Moniz se foi offerecer ás unhas do rei de Castella, se entre elle e o andaime medeiarem cinco reduzidos centimetrosinhos! O perigo que aquillo offerece para a segurança publica, está-se a ver... mesmo sem se ser «viroscas. Calculem o que acontecerá a um desgraçado que venha dentro do carro e por qualquer motivo deite de fóra a cabeça ou um braço! Acontecer lhe-ha naturalmente o que aconteceu a uma creancinha que, segundo nos disse um empregado dos electricos, ha duas semanas, ou coisa que o valha, deitou um bracinho fóra da janella do electrico.

Pois a creancinha partiu o bracito e não houve quem desse providencias! Os carros continuam a circular sem ao menos trazerem qualquer aviso e a Camara ficou imperturbavel!

Aquelles senhores vereadores do Povo estão mesmo intoleraveis! Como achassem pouco que o carro n'aquella curva da linha mettesse a rede pelo passeio dentro á pesca dos transeuntes, ainda vão dar auctorisação para uma obra d'aquellas!

*
* *

Disse «A Capital» a proposito do palacio para o presidente, que este poderia ter quatorze ou vinte filhos e que, se em casa, os arrumava de qualquer maneira, no palacio iria instalal os principescamente á nossa custa.

Salta de lá os «Ridiculos» e com toda a sua sabedoria, mette este argumento de escacha:

«Ora se não estamos em erro a eleição presidencial é de cinco em cinco annos, e não nos parece que um presidente possa em cinco annos arranjar em casa quatorze filhos!»

Então não vê este bruto (que não tem outro nome...) que o presidente não precisa arranjar os filhos em casa? Que os póde levar já feitos cá de fora?

Por exemplo: o sr. Bernardino Machado tem quatorze filhos, e para os fazer não precisou de palacio...

Ora o... diabo!

*
* *

Egualdade no papel já nós tinhamos e não era pouca. Egualdade em taboletas é que não havia. Mas veiu invental-a a Camara Municipal.

No Jardim da Estrella ha umas taboletas onde se diz em lettras garrafaes que elle é de todos.

Ora se é de «todos» não sabemos porque razão se nega n'elle a entrada aos homens mais mal vestidos e descalços.

Vimos ha dias o guarda da porta da antiga travessa dos Ladrões a prohibir a entrada a dois garotitos de pé descalço, com uma delicadeza tal, que ficámos parados, estaticos, a olhar o distico em que se diz que o jardim é de «todos».

Porque não hão de os garotos entrar no jardim? Porque podem estragar alguma coisa? Mas então para que servem lá tantos guardas e até dois policias que lá fazem serviço?

Ou é preferivel que elles andem ahi pelas ruas á pedrada, ó senhores educadores?!

*
* *

Ora nós, francamente, não gostamos que se apupem as senhoras ou os... senhores que vão á missa. Não somos de opinião que se persiga este ou aquelle seja pelo que fôr. Mas achamos um piadão enorme a um nosso collega, que, devendo saber que só a falta de educação das pessoas é a culpada do succedido, vem atirar com as culpas para cima da Republica, dizendo que as auctoridades estão acarretando sobre si e sobre o regimen, graves responsabilidades.

O diabo, são as responsabilidades que d'ahi adveem para a Republica!

Naturalmente arranja-se para ahi alguma complicação internacional!

E' capaz de vir por ahi fóra o papa com todos os cardeaes atraz e reduzir isto tudo a torresmos!

E' conforme os narizes

Os «bloquistas» fartaram se de fazer versos á penca do sr. Paulo Falcão. Mas estão muito enganados, aquella não é como a penca do Beirão que andava sempre a morrer pelo penacho!

Quadro dos adeantadores

Conforme no nosso ultimo numero dissemos, inauguramos hoje esta secção onde devem apparecer os nomes de todos os assignantes e agentes que até á data se teem esquivado ao pagamento, mas, «só estes», fiquem portanto descançados os assignantes e agentes que estejam em dia que o seu nome jámais o verão n'este quadro.

Leonel da Silva Canario
agente — Agueda

Joaquim Almeida Barros
agente — Oliveira do Bairro

Maria Apresentação Carvalho
assignante — Braga
R. 5 d'Outubro, 15
Esta dama requisitou uma collecção e como delicadeza immeditamente deferimos o seu pedido, agora que lhe foi presente o recibo declarou que não pagava.

Aos nossos collegas da imprensa prevenimos que tenham o maximo cuidado com estes «Gabirus».

No proximo numero continuaremos.

Ha um anno por este tempo

De noite, sonhava com ella. Via-a em visões tão linda e esbelta quanto seductora, n'um encantador trinar de beijos quentes como o seu olhar de purpura. De dia, tinha-a constantemente fixada no pensamento, quer á meza, quer trabalhando, quer em palestras, ella occupava primacialmente o meu espirito. Ali tinha o seu logar perpetuo. E pensava eu, que, quando um dia a visse e possuisse, na realidade esse dia seria o mais feliz da minha vida e passaria d'ahi em diante a viver em socego, sem sobresaltos e inquietações, n'um contemplativo olhar fixo e pregado na sua imagem. Cumpriu-se é certo, a primeira parte do meu pensamento, porque já a possúo; mas, como ha um anno continua a ser a minha companheira inseparavel a preoccupação do meu espirito. Vejo-a tão cercada de perigos e tão perseguida na sombra que chego a duvidar que a innocentinha possa resistir a tamanhas barbaridades já commettidas contra ella.

. . . .

Olhai homens da politica que vos desmascaraes em demasia! Como podereis vós explicar o facto de ha bem pouco tempo ainda vos debruçardes carinhosamente sobre o ventre materno qual pai amantissimo preescutando os movimentos d'aquella que já era a filha dilecta do vosso coração, n'uma vontade sofrega de a cobrir de beijos e alguns mezes após, quando a resemnascida, tão pequenina ainda, mas linda como uma estrella, mal dava os primeiros passitos, incertos e vagos; quando devieis erguer em vossos braços essa reliquia sagrada; o producto de tantos annos de sacrificios e martirios de nós todos; quando a devieis envolver n'um manto macio, perfumado de esperança, de carinho e amor aconchegando-a ao calor amigo dos vossos peitos, vemos que a deixais desamparada vaguear pelo chão, aos baldões, sem um arrimo certo e seguro dando-lhe por agasalho um inconsolavel e aspero tecido de vaidades e ambições.

Olhai, homens da politica; não queirais já tão cedo, com os vossos desmandos e vaidades sacrificar em almoeda a virgindade impubere d'aquella que por tantos annos foi a nossa esperança, a nossa aspiração suprema e hoje representa o nosso anhelo, o nosso esforço, e até a nossa razão de ser no futuro.

Attentai bem n'isto, homens da politica; olhae que um povo generoso e heroe vos entregou ás vossas mãos, ainda quente do fumo dos canhões da revolução os sagrados destinos d'uma Patria. Velai por elles, portanto, porque o povo tambem vos vela e segue de perto os vossos passos e intuitos.

STYL

♣

N'um virote!

Lá veiu a Lisboa, outra vez, o sr. João Chagas.

Muito tem viajado s. ex.ª á custa de nós todos!

—Que o Bernardino Machado
Inda se encontra... magoado!...
—Que esteve tomando a serio
Ir tambem p'ra o ministerio,
—Que afinal, medonho enguiço
Só elle é que pensou n'isso!...
—Que todos os deputados
'stão sendo licenceados.
—Que se isto continuar,
O congresso vae fechar.!
—Que diz muito portuguez:
Quando «isso» fechado esteja,
Sem deputados, talvêz
Saia coisa que se vêja!...
—Que ao tal blóco não desgosta
Caçar lá o Affonso Costa.
—Que este de mala aviada
Diz-lhe adeus co'a mão fechada...
—Que bloquistas e affonsistas
São uns grandes piadistas!
—Que de toda esta chiada
Só o Zé não lucra nada!...

Na 4.ª pagina

Do magico da Rua que foi formosa:

Recebi tuas cartas. Vou lá depois do exame. Nunca te esqueço, o Beto.

Vejam lá este sujeito
Que vontade dá de rir
Só depois do exame feito
E' que prommete la ir

E' medroso, hão-de convir
Ou é mesmo tolo, pois
Esta coisa de a gente ir
Não se guarda p'ra depois!

Eu sou d'esta opinião
Em coisatas de derriço;
Ou se vae logo.. ou então.
Nunca mais se pensa n'isso!...

Do mesmo magico:

27

Saudades ao borrego

Se faz todas as vontades
E é borrego já sem pêlo.
Em vez, de lhe dar saudades,
O melhor será comê lo!...

Idem

29 de julho

Não penses que te esqueco. Recebi a tua carta de 11. O *C* já não é no dia que estava combinado, mas é breve. Dá me noticias sempre que poderes. Adeus e beijos do teu para sempre.

Faça lá a vontadinha,
Mexa se, vá. não se esqueça!
Manda-lhe o C depressinha,
Que o C d'ella está com pressa!...

Ibidem

PAMIRA

Não Goes Foja arau Brunhêda Fáfe e Fão Não serão L. E. mostro prova. Sim?

Que palavras tão azédas!
A Pamira tome tento...
Ponha-se a fazêr Brunhêdas
Que apanha um esfalfamento!...

Ai, massas, massas!

E o sr: Boto Machado a fazer-se com a embaixada da Argentina?

Vá lá que ministro, para um anarchista, não é mausinho de todo!

Muita attenção

Aos nossos estimaveis e estimadissimos leitores das Caldas da Rainha temos uma coisa a dizer. Trata se d'um assumpto da mais capital importancia, uma communicação para a qual pedimos a sua mui esclarecida e luminosa attenção. Foi o nosso amigo **Francisco Gallinha**, agente de «O Zé» n'essa localidade, que vendeu a sorte grande aos felizes das Caldas.

—O nosso chistoso «Gamalhães» não publicar mais uma vez a celebre quadra,

O vinho é sangue de Christo,
Certo padre me affirmou;
Se elle é sangue, pae do ceu...
Bem haja quem te matou!...

—Publicar-se um retumbante jornal que o Carvalhaes ia fazer mais um gravador e o Boavida. Era um jornal communista; o Carvalhaes caricaturava, o gravador gravava, o Boavida escrevia, e um vernaculo desenhador litteratava as legendas.

—Realisar-se a segunda conferencia da serie que o eloquente caricaturista Leal da Camara veiu realisar a Lisboa.

—O grande critico de arte, sr. «Viu-se Grego, não dizer de todas as illustrações que vê, que estão mal desenhadas.

—O não menos abalisado critico de arte sr. Estevam de Carvalho deixar de exclamar que o critico grego não tem auctoridade para falar.

—O Campo Pequeno na Feira deixar de ser o «rendex-vous» predilecto da rapaziada alegre e raparigada galante dos theatros.

—O Ali-Babá, o inspirado auctor de muitos e variados versos réclamando os gabões d'Aveiro, deixar de ter no Campo Pequeno o grande manancial de piadas para a «Economia».

—O Carlos do bombo do Cine Palais largar a maçaneta.

—Saber-se a razão porque um celebre deputado se escamou com a gente.

—Acabar o martyrio inventado pelo cruel Faustino da Bibliotheca:—ámanhã venho saber a resposta.

—Saber-se para que mez d'agosto é que o sr. Relvas promettia o barateamento da carninha.

—Cessar a discussão da lei da separação.

—Saber-se o que é mais infalivel se o papa, se a l. i.

—Saber-se se o «Zé Ilheu» foi para a Ilha com uma companhia dramatica, como disse á gente, ou se foi simplesmente como qualquer passageiro, como nós presumimos.

—Deixar de haver professores «intelligentes» como aquelle d'uma cidade da Extremadura que, ensaiando os alumnos a cantar a Alma de Diós dizia—tocar as «mantinas» em vez de «matinas».

—Vêr-se uma noticiasinha da Revolução do Mexico, por pequena que seja, em qualquer jornal de grande informação.

—Os padeiros d'uma grande cooperativa que nós sabemos, serem mais associados e deixarem de infringir as regras da hygiene, fazendo as porcarias que alguem lá tem visto.

—Saber-se em que ficamos a respeito de fardamentos do exercito.

—A mulher electrica deixar de encommodar o «perna triste».

—O «perna triste» vender o capilé mais barato.

—A gata sabia arranjar bombas para duas cinco réis.

—José Bufa deixar de falar da mulher electrica.

—A Gata sabia deixar de dar pei... petardos.

—Deixar de haver bombardeamento no Largo da Republica.

—O canario cantar mais pianinho.

—O Zé dizer o nome de certo Padre desconhecido.

—O Zé dizer onde pára a camisa do bombardiamento.

Uma grande obra

O primeiro acto do governo da presidencia da republica, deve começar por uma das mais importantes missões, a de ordenar um rigoroso inquerito ás vergonhosas e escandalosas para não dizermos já criminosas nomeações que se fizeram de 5 de outubro até hontem!

Não pódem nem devem persistir grande numero d'el'as, manda a moralidade e o prestigio da republica que deve assentar n'uma pedra basilar ordem e justiça. Haja ao menos moralidade.

Fallaremos largamente.

Haja vergonha! Haja juizo! E' preciso prudencia!

Como uns verdadeiros rufias, atacam-se á naifada sem respeito pelos perigos presentes e futuros, esquecendo-se dos deveres que teem para com a infeliz republica, que tanto precisa de cuidados.

Fiat Justicia

Forte é a convicção e a energia que me guia e assim me encoraja arrostar com odios e com os pedregulhos da malquerença dos que teem dado o testemunho bem publico da sua immoralidade e scepticismo que negando á luminoza verdade a sua soberania, antes preferem triumphar pela mentira e vilania a succumbir com razão mas deixar brilhar a verdade e a justiça em toda a sua forte nudez, mergulhando assim num atuleiro de ignominias esse sublime principio que apenas confessam mas que entendem não precisar difinir! Sim, mesquinhas almas, confundiveis espiritos, os processos são velhos e veem de longe.

Se Carrilho Videira, tivesse sido esse vulgar servil que a cada canto por ahi topamos apezar de atravessarmos o seculo da aviação, tivesse sido ainda esse lacaio que curva a espinha e petulantemente difama e calumnia hoje, para amanhã o vermos secretario de Ministro ou archivista de bibliothecas; se fosse aquelle arranjista anarchista que sem pejo fornece esclarecimentos e abanca á meza de café a preparar victimas hoje, para amanhã o vermos administrador de concelho, então diriamos que Carrilho Videira, não só não teria amigrado em 1889 para esse asylo dos desventurados—o Brazil, como, em vez d'uma mesquinha e anonyma sepultura, lhe construiriam um palacio de marmore a perpetuar-lhe os seus «heroicos» feitos á causa que grande numero petulante e descaradamente confessam abraçar para assim assaltarem a porta e succulenta dispensa do armazem onde, se estende a meza para os comilões que, em nome de falsas hypocritas convicções teem marcado talher d'oiro!

O impecavel luctador, o ardoroso republicano que soube reagir, que soube confessar mas melhor definir principios, que heroicamente foi para longe pelo braço da ingratidão calar a magua da infamia d'uma cotterie já então perniciosa e de inuteis na sua maior parte, era um «vendido»; os farçantes que em nome da democracia, do seu bajulismo, e d'essa linguagem nata no cachorro —o servilismo—se governaram e se anicharam em logares dependentes d'um regimen antagonico ao sublime crédo republicano, são os honrados, os honestos, os unicos bons republicanos! E elle o intransigente republicano radical, o simples livreiro mas que foi o mais poderoso guia de Theophilo Braga, Teixeira Bastos e Cecilio de Souza, porque não se submettia ao crédo da cotterie Elias Garcia o emporio do gesto de 31 de Janeiro de 1891 foi pelos «honrados» tretas da seita apodado de «vendido»; e nenhum homem, nenhum d'essas democratas, soube ainda ao menos ser homem uma hora para impôr em nome da justiça e para honrar a gloria dos sublimes principios que apregoamos e defendemos, a glorificação pelo simples epitaphio do nome d'um velho republicano que tudo tendo sacrificado tambem soube morrer agarrado á desilusão e á ingratidão dos homens que tudo lhe deviam.

Nem ao menos Theophilo Braga, porque os outros, são tão pequeninas almas, espiritos tão mediocres, que nem ao menos merecem a honra de lhes publicarmos aqui os seus nomes! Os processos jesuiticos são velhos e os homens são os mesmos para infortunio do partido republicano.

Tenham a coragem dos seu actos, sejam ao menos homens uma vez e, alguem haja se lembre da terra ao menos, que cobre os saudosos restos do honrado e velho pugnador da liberdade e da republica—Carrilho Videira! «Vendido», porque sabia ser homem, «vendido» porque fustigava os imbecis e os traficantes que ainda hoje são o veneno do partido republicano!

Vam's fechar hoje com mais uma ingratidão para não dizermos um crime—vamos fallar do velho, do leal e tambem intransigente republicano Manoel d'Almeida, aquelle velhinho que conta 82 annos, e teria morrido já de inanição se Agostinho Fortes lhe não desse o seu braço d'amparo, lhe não saciasse a fome com uma fatia de pão, se lhe não distribuisse em compensação do abondono a que o lançam os comilões que republicanos da ultima hora, tudo devoram— a sua carinhosa esmola! Sabes santo povo, tu povo sacrificado que não conheces os petulantes que, em vez de canalisarem a nobreza dos teus sentimentos com a grandeza dos teus ideaes, te dividem e te separam por uma politica de repulsão e de individualismo, o que elles querem —é pescar na tua ingenuidade e acobertarem-se na tua indifferença, obstando a que conheças tanta miseria e tanta podridão.

Dae uma migalha do vosso pão ao velho Manoel d'Almeida que, tambem tal como Carrilho Videira, intransigente e radical, sabe escalpelar os farçantes e para que ignoreis dos seus... heroismos passados, foi de ha muito lançado ás féras e tem que morrer de fome,—assim o decretaram esses cezares de gravata encarnada!

«Fiat Justicia»!...

ARIEJNARAL.

Estante cá de casa

Almanach Bertrand para 1912. 13.º anno de publicação. Coordenado e totalmente elaborado por Fernandes Costa. Tiragem 15:000 ex. Preços: brochado, 500 réis; cartonado, 600; em chagrim, 1$000.

Visitou-nos este excellentissimo sr... almanach. Enfarpelado na bella capa desenhada a capricho por Alonso, s. ex.ª apresenta-se como sempre de bello aspecto. Vem muito sorridente, muito prasenteiro, muito cheio de graça, de contos, anedoctas e caricaturas e tambem muito recheiado da coisas uteis, de muita coisa que se deve ler e pensar. Para nós, (e para todos os seus numerosos leitores, naturalmente), o Almanach Bertrand, é um cavalheiro muito prestavel e muito sorridente, que tudo nos indica e de tudo nos faz rir. Bem escripto, bem illustrado, bem impresso e bem paginado elle é, n'este capitulo de almanachs a melhor e mais encantadora coisinha que nós temos visto.

Mas não julgue o leitor que por dizermos coisinha, elle é um almanach pequenino com pouco quo ler, vêr e admirar...

Não senhor. O Almanach Bertrand tem... Perdôe o leitor! A falta de espaço é o maior escolho com que a pena esbarra! Nós reduziremos pois que mesmo dispondo de muito espaço não podiamos fazer a noticia circumstanciada: 416 paginas de texto e 80 de annuncios artisticos—518 illustrações—Capa a 8 côres e ouro— 12 composições allegoricas de pagina inteira —poesias escolhidas dos melhores poetas e entre ellas traducções de poesias dos vates hespanho-americanos por Fernandes Costa.

Emfim, é o que é bom, o que é catita, o que é fino, o que é barato!

Ao façanhudo pifio

I

Roncavas lá de longe á frente do rebanho
Que grunhe absorvendo a gorda lavadura
Heroe de papelão, ridiculo tacanho,
Limphatico mastin de réles contextura,
Que presto marcharias, pulha vil, safado,
Repôr a monarchia, ladra, imbecil,
Trazendo á tua frente, baixo, acabramado
O bispo «papa-tudo», á laia d'aguazil;
Maneando rastejante a cáfila de pilhas
Na ancia d'encontrar um molho de lentilhas!

II

A'vante pois, heroe, avança destemido,
Arraza, mata, fere a estupida canalha;
Mas, nunca o soldo percas asno prevertido;
Anima a fina flôr a palida gentalha:
Ligorios de má morte, amphibios e castrados;
O bispo que lhes dê a benção paternal,
Roliça, vivandeira, a «sopa» dos soldados,
De «bojo» avantajado, áquem do avental,
E tu grão-capitão de heroes de corda á esquina
Escalla-lhe o «serviço» e «entra» de fachina

SSTYL.

CARTAS ABERTAS

Poètadatrama. E bem da trama! Ora o menino, em logar de fazer versos de «critica», porque não vae mais uns mêzes chuchar biberon? Verá como a chucha lhe faz inspiração! Deixe lá o poeta «Cevilha» que para aturarmos burros basta que o aturêmos a elle.

Não a larga

O Sr. Affonso Costa vae para a Suissa e leva a lei da separação para lêr nas horas vagas. Todo elle se delicia quando a lê mais uma vêz. Até a devora!

GRANDE E HORRIVEL CRIME

Um homem com a lingua cortada e outro morre com ella de fóra

Lisboa, esta nossa cidade tão linda, tão garrida, foi hontem palco d'uma tragedia sangrenta de que resultou a morte d'um cidadão e a vida d'outros... ás aranhas.

Narremos os factos pois que «O Zé» apenas soube de que alguma coisa de anormal se passava no **Salão da Tindade**, foi n'este magnifico animatographo que dá ao publico successivas estreias que se passaram as tristes scenas adeante descriptas, immediatamente para lá nos mandou. Uma vez no local do crime verificamos que a zaragata tivera principio entre dois habitués do **Colyseu dos Recreios** e do **Apollo** pois cada um tinha a sua opinião sobre o melhor d'estes dois theatros.

—Não me diga você que o Santos não é o homem que melhores espectaculos tem dado ao publico. E baratos como ainda ultimamente foram os da companhia Citta el Firenze que causou o maior successo theatral dos ultimos annos!

—Ora, ora. E o **Apollo** não tem tambem espectaculos a preços populares? E não leva peças como «O Fado» que dão enchentes todas as noites?

Palavra puxa palavra até que murraça puxa murraça. A pouco e pouco foi-se juntando gente á porta do animatographo e vieram á baila o **Chiado-Terrasse**, onde ha fitas de grande actualidade, o **Olympia**, que tem comodos logares e preços baratos, o **Central**, **Cine-Palais**, **Cine-Paris**, **Chalet-Republica**, **Salão dos Anjos**, **Chantecler-Calet**, tudo belos animatographos que reunem os tres elementos para terem casas á cunha, ou seja o Padre, Filho e Espirito Santo para ganhar massa n'um animatographo: preços baratos, fitas divertidas, e muita escuridão.

Toda a multidão não se conteve e entrou por ali dentro pretendendo separar os contendores. Estabeleceu-se então um charivari medonho berrando todos ao mesmo tempo de forma que ninguem se entendia. Todavia no meio da zaragata ouvimos uma ou outra phrase que nos illucidava ácerca da epinião d'aquella gente sobre outros theatros. Assim ouvimos louvar immenso o **Theatro Julia Mendes** pela sua acertada resolução em levar á scena o «Zig-Zag», a immortal revista de Fulano, Beltrano e Sicrano que o anno passado tanto enthusiasmo causou entre o publico alfacinha; egualmente o **Chalet-Avenida** por este anno não desmentir as suas tradições de theatro popular e divertido, para o que poz em scena a «Sombra de Herodes», engraçada revista de muita actualidade.

Tambem ouvimos criticar a teimosia do **Phantastico** em impingir ao publico peças semsaboronas mas estamos em crer que fará como o **Rocio Palace** que devido á muita concorrencia de espectadores fechou as suas portas.

Os homens continuavam brigando e nós apurando quem elles eram.

Um era o cidadão Manoel Faneca, morador na rua das Casas e o outro era o cidadão José da Vidinha, morador no Beco Sem Sahida. Finalmente o José puxa d'uma navalha e záz; a lingua do Manoel... foi um ar que lhe deu, e o Manoel com a dor agarra-se-lhe ao pescoço e traz; morre o José com a lingua de fóra. Houve choros etc. e tal, tudo o que é da praxe em occasiões funebres e por fim toda aquella gente applaudiu a iniciativa de Affonso Taveira que não descança um momento, procurando sempre variar os espectaculos do **Theatro da Trindade.** Como se sabe, sobe brevemente á scena n'esta casa de espectaculos a revista «Ventas de Patrulha» em que toma parte a gentilissima actriz Zulmira Ramos e faz o papel de compère o popular actor Gomes, o nunca esquecido «Cepa Torta» da Revista «Paiz do Vinho», do nosso amigo Leandro Navarro e do sr. André Brun.

ZÉ PIMENTA

Rodrigues Laranjeira

A' hora de fecharmos o nosso jornal chega-nos a noticia de ter deixado a gerencia-redactorial do nosso collega Bandarilhas de Fogo, este nosso querido amigo e collega. Lamentamos tal resolução, pois sabemos, que Rodrigues Larangeira tinha n'aquelle nosso collega da imprensa verdadeiros amigos.

O Zé na feira

Moraes do Padre Antonio

Genifofe, isquinhas, petisquinhos, vinhinho... e raparigninhas a servir á mesa... d'aqui:

O Moraes do Padre Antonio,
Sempro um typo do demonio,
Sempre alegre e folgasão,
Tem feito um negocião!
Um negocio bestial!
Rapaz assim tão feliz
Não ha outro no paiz
Não ha outro em Portugal!

Barraca Arganilense

Por debaixo do caracol. Vinho branco sem egual

Alto aqui ó seu leitor!
Acabaram-se as agruras!
Entre, que não faz favor
E prove as bellas farturas...
Prove tambem esse vinho,
E diga lá seu fadista,
Se não é um grande artista
Em contentar o Povinho
O nosso amigo Baptista?!

Agua da Mina

A tia Anna do Grão

A melhor casa de pasto das feiras populares

Bacalhausinho com grão,
Petisqueiras variadas,
Comidas m ito asseiadas
Vinho bom que é um vinhão!
Coisas de detraz da orelha
Que é uma consolação
Só se encontra lá na feira
Na **Tia Anna do Grão!**

Nova Barraca de Farturas

Rua n.º 2: a primeira barraca do genero que se encontra á entrada da feira.

Fique sabendo a gente lusitana
E tambem os heroes da revolução,
Que **farturas** gostosas d'uma cana
E **vinho branco** que é um alegrão!
Tudo o que é bom e faz 'squecer «tristuras»
Na feira ha-de encontrar o passeiante
Lá na **No.a Barraca das Farturas**
Da **filha do antigo fabricante.**

Agua da Mina

Adega da Figueira

Cinco coisas ha aqui
Que não ha em toda a feira
Morena, retiro, jardim
Cascata e uma figueira!

Adega do Saloio

Rua Central. Atum com batatas. Retiro ao ar livre

A **Adega do Saloio,** bom leitor,
Fica acima do bom **Cine Palais**
E trata a freguezia c'um amor
Que é muito frequentada pelo Zé.
Tem lá um bom retiro ao ar livre,
Com arvores p'ra dar sombra fresquinha;
Quem na feira é assaltado pela fome
E' lá que vae tratar da barriguinha!

Agua da Mina

Vicente da Porcalhota

Machado de Santos, o heroe
Essa pessoa tão teza
Se venceu a monarchia
portugueza,
Foi que aprendeu lá um dia
a dar tiros
Com toda aquella certeza!

Campo Pequeno na Feira

Vejam lá este **Florencio**
Como é um typo damnado,
E dos demonios levado!
Tem o **Pereira** feito em **canja**
O **Casimiro Guizado,**
Bento em **sopa de feijão**
Que p'ra freguezia é pouca
E o freguez, ai esse então
A crescer-lhe agua na bocca!

Antiga Barraca do Julio das Farturas

Eu já disse meu leitor
Que quem não provou farturas
Anda no mundo ás escuras!
Portanto, faça favor,
Venha ao Julio das Farturas,
Ferre n'ellas o seu dente,
Dê com a lingua um estalo,
E diga depois á gente
Se não é mesmo um regalo!

Carreiras de tiro

Tiro aos pombos

Georgina de Oliveira
Particij a á freguezia
Que tem na sua carreira
Novidades cada dia.
Tiro aos pombos só ha lá
Só lá ha essa alegria.

Maria Botas

O melhor restaurant da feira

Sopinha de camarão,
Bella dita de feijão,
O chispe com feijoada,
E lulas de caldeirada,
Sardinhas e carapaus,
E pescadinhas marmotas;
....
No melhor dos Wenceslaus
Na l'esta **Maria Botas**!

Ermida do Padre Antonio

(Largo da Feira, onde esteve o grande carrousel)

Leitor; o badalo a chamar os devotos
Da **Ermida do Padre Antonio** falado...
Oh vamos lá todos fazer nossos votos
Ao vinho que á venda lá tem o Machado
Na **Adega** do lado.

Não falte ninguem que as bonitas pequenas
Servindo os freguezes tem riso encantado,
Ha loiras formosas, galantes morenas,
E um bello menú que tem o Machado
Tão bem arrranjado!

Agua da Mina

O Zé

(Barraca de comidas do sr. Luiz Pereira, na Rua do Circo Russo)

Bifes a quatro vintens
E pasteis de bacalhau,
Vinho bom que dá quinau
Até nos curas da Sé,
E faz diz r um marau
—Elle é bem mau!
Só na barraca do Zé.

Hymno thalassa

Canção popularissima

Musica da «Maria da Fonte»

I

Já morreu a Monarchia,
Tem na campa negra lousa;
O seu ultimo ministro
Foi o Teixeira de Souza...

Chorae thalassas!...
Chorae thalassas!...
Que o vosso Rei já fugiu;
Embarcou na Ericeira
Mais a... que o pariu
Mais a... que o pariu...

CHACON SICILIANI

TOMEM JUIZO!...

Os politicos andam n'uma alhada,
Não se calam um unico momento
E não existe ainda regimento,
Que consiga pôr termo á trapalhada!...

A's vêzes, nos salões do Parlamento
A chinfrineira é tão acalorada,
Que mais parece um som de trovoada.
Echoando nas pilastras de S. Bento!

Alguns soltam mais gritos do que as salsas
E ha typo que rebenta o fundo ás calças,
De tanto se mexer e dar aos fólles!...

Fazendo assim o «juizo» tal progresso,
Seria bom que os membros do Congresso
Fossem dar as sessões a Rilhafólles!...

Vejam lá isso!

O' meninos, quando é que as enfermarias dos hospitaes se deixam de chamam «de santa isto e de santa aquillo»?
Aquillo até faz morrer os doentes mais depressa!

Homenagem pelo seu anniversario (4-9-911)